

FH chega hoje à Inglaterra para mostrar Brasil estável

■ Presidente vai encontrar empresários e mostrar que o país é seguro para investimentos

Brasília - Josemar Gonçalves

NELSON FRANCO JOBIM

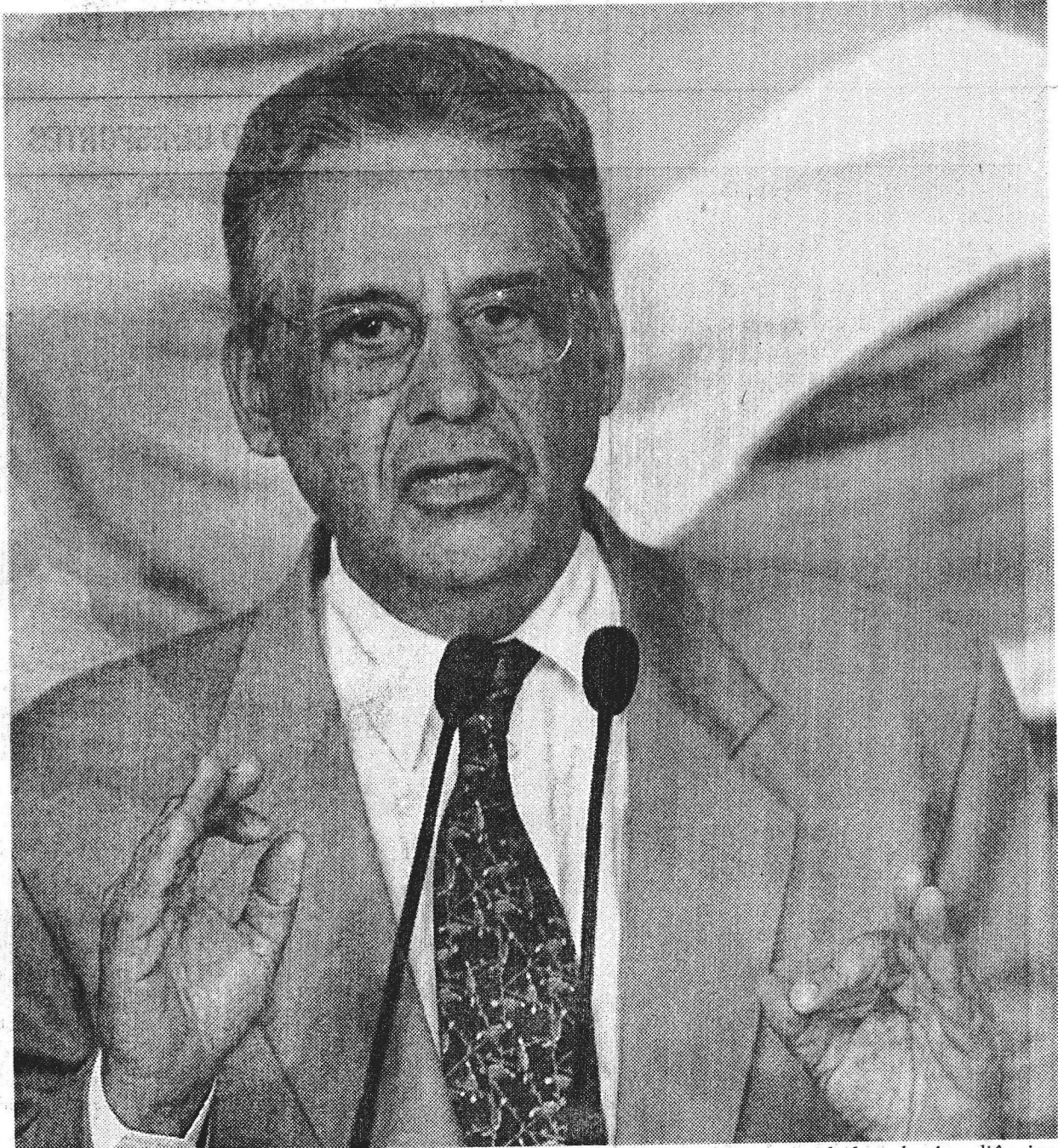
LONDRES - O presidente Fernando Henrique chega hoje à noite à Inglaterra, a convite da rainha Elizabeth II, e vai tentar reforçar a imagem do Brasil como país estável e seguro para investimentos, abalada pelo terremoto financeiro na Ásia. O presidente quer brilhar tanto nos salões do Palácio de Buckingham quanto na City, o centro financeiro de Londres - hoje, o 2º do mundo.

Além de toda a pompa e honraria de uma visita de Estado - como banquetes com a rainha e chás com a rainha-mãe -, o presidente falará para 150 a 200 empresários, na terça-feira, num seminário promovido pela Confederação da Indústria Britânica. Além disso, vai se encontrar com 22 altos executivos do centro financeiro de Londres e conceder audiências privadas a oito presidentes ou diretores de grandes empresas com interesse em investir no Brasil.

O presidente receberá, por exemplo, John Manser, diretor-presidente do Banco Flemings, cuja entrada no Brasil acaba de ser aprovada pelo Conselho Monetário Nacional. Nas audiências, estará com o lorde Sterling de Plaistow, presidente da P&O, interessada na privatização dos portos; com David Jefferies, presidente da National Grid, interessada na privatização do setor de energia elétrica; com a direção da Amerada Hess, que afirma ter US\$ 2 bilhões para investir em petróleo no Brasil; com Peter Sutherland, ex-diretor-geral do Gatt, hoje diretor-presidente da British Petroleum, que pretende investir US\$ 800 milhões no Brasil; com o conde de Cairns, presidente da British American Tobacco, dona da Souza Cruz; e com James Sherwood, dono do Copacabana Palace, com interesse no transporte marítimo de carga.

Os dois países vão anunciar um Plano de Ação Conjunta nas áreas de educação, ciência e tecnologia, e criar a Parceria Econômica e Comercial Brasil-Grã-Bretanha. Ela vai substituir o Conselho Empresarial Conjunto pelo Conselho de Assessoramento Comercial, que dará apoio à promoção de investimentos e comércio exterior, com uma secretaria no Itamarati e outra no Ministério da Indústria e do Comércio britânico.

O presidente vai receber um título de Doutor Honoris Causa em Economia na London School of Economics (LSE), que nos últimos tempos só foi concedido ao presidente da África do



Entre um e outro banquete com a rainha, o presidente fará palestra em universidade e dará audiências

Sul, Nelson Mandela. Na LSE, Fernando Henrique vai dar uma aula especial sobre *Desafios atuais para a democracia*. E em Cambridge, será agraciado com o título de Doutor em Direito, uma honraria especial, que nos últimos anos só foi dada ao rei e à rainha da Espanha, ao presidente da Índia, Shanker Dayal Sharma, à ex-presidenta da Irlanda Mary Robinson e a Mandela.

O presidente também vai se encontrar com os pesquisadores da Oxford Analytica e almoçará no Palácio de Buckingham, com os professores do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford. Fernando Henrique foi professor convidado do Centro de Estudos Latino-Americanos da Fa-

culdade de História da Universidade de Cambridge, no ano letivo de 1976-77, na cátedra Simón Bolívar. Seu livro *Desenvolvimento e dependência na América Latina*, em co-autoria com Enzo Faletto, é considerado uma obra-prima e um "marco importante no debate intelectual sobre o continente", como afirma o professor uruguaio Francisco Panizza, titular da cadeira de América Latina no Departamento de Política da LSE.

"Ele colocou a Teoria da Dependência em bases mais realistas", observa o professor Anthony Hall, que orienta diversos doutorandos brasileiros no Departamento de Administração Política e Social da universidade. Quanto ao pensamento políti-

co do presidente, Panizza acredita que é fácil entendê-lo "a partir de textos dos anos 80, que falam de uma nova social-democracia, baseada na universalização dos direitos humanos, sociais e econômicos, e num entrosamento Estado e sociedade". Mais: "Há um resquício de Teoria da Dependência na retórica de sua política externa. De resto, ele está muito próximo do Novo Trabalho de Tony Blair."

O problema está na relação entre partidos políticos e democracia. "Ele diz que a direita e a esquerda brasileira são conservadoras e defende uma nova social-democracia, sustentada pela sociedade civil. Mas tem incentivado práticas antigas, como o personalismo e o fisiologismo."